



10º congresso
Olhares
Sobre a Educação
3RD International Congress
Perspectives on Education

Escola Superior de Educação de Viseu
Viseu, Portugal, Nov. 24-26, 2022

LIVRO DE RESUMOS *Olhar(es) para
a Educação do amanhã*



**Politécnico
de Viseu**

Escola Superior
de Educação
de Viseu

Título: Congresso Olhares Sobre a Educação / 3rd International Congress Perspectives on Education – Livro de Resumos

Editores: João Rocha, Ana Souto e Melo, Luís Menezes, Maria Figueiredo, Ana Paula Cardoso, Sara Felizardo, Ana Isabel Silva, António Ribeiro

Capa: Paula Rodrigues

ISBN: 978-989-53495-7-9

Data: novembro, 2022

Local de edição: Viseu

Editores: Escola Superior de Educação • Instituto Politécnico de Viseu

Livro de Resumos do 10.º Congresso Olhares Sobre a Educação

João Rocha, Ana Melo, Maria Figueiredo, Luís Menezes, António Ribeiro, Luís Menezes, Sara Felizardo, Ana Paula Cardoso, Ana Isabel Silva

Viseu, 2022

Organização

- Ana Isabel Silva (ESE- Instituto Politécnico de Viseu)
- Ana Paula Cardoso (ESE- Instituto Politécnico de Viseu)
- António Ribeiro (ESE- Instituto Politécnico de Viseu)
- João Rocha (ESE- Instituto Politécnico de Viseu)
- Luís Menezes (ESE- Instituto Politécnico de Viseu)
- Maria Figueiredo (ESE- Instituto Politécnico de Viseu)
- Sara Felizardo (ESE- Instituto Politécnico de Viseu)

Comissão científica

- Abel Figueiredo (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Adair Nacarato (Universidade São Francisco, São Paulo)
- Amanda Franco (ESEV - Politécnico de Viseu)
- Ana Isabel Silva (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Ana Maria Costa (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Ana Patrícia Martins (ESEV - Politécnico de Viseu)
- Ana Paula Cardoso (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Ana Sofia Lopes Figueiredo (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Ana Souto e Melo (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Anabela Novais (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- António Guerreiro (Universidade do Algarve)
- António Ribeiro (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Belmiro Rego (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Carla Freire (CI&DEI- ESECS - Politécnico de Leiria)
- Carlos Brigas (CI&DEI – ESECD - Politécnico da Guarda)
- Carlos Pires (ESELx - Politécnico de Lisboa)
- Catarina Antonieta Martins Carneiro de Sousa (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Catarina Liane Araújo (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Célia Ribeiro (CI&DEI - Universidade Católica Portuguesa)
- Cláudia Neves (Universidade Aberta)
- Conceição Leal da Costa (Universidade de Évora)
- Cristiana Mendes (ESEV - Politécnico de Viseu)
- Cristina Azevedo Gomes (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Cristina Vieira (Universidade de Coimbra)
- Dulce Melão (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Elisabete Brito (CI&DEI- ESECD- Politécnico da Guarda)
- Elisabete Gomes (ESES - Politécnico de Setúbal)
- Emília Martins (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Esperança Ribeiro (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Fernando Alexandre Lopes (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Filomena Martins (Universidade de Aveiro)
- Fernanda Martins (Universidade do Minho)
- Fernando Martins (ESE - Politécnico de Coimbra)
- Floriano Viseu (Universidade do Minho)
- Francisco Mendes (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Gabriela Portugal (Universidade de Aveiro)
- Gabriela Sotto Mayor (ESEV - Politécnico de Viseu)

- Helena Luís (ESES - Politécnico de Santarém)
- Helena Gomes (ESEV - Politécnico de Viseu)
- Hélia Gonçalves Pinto (CI&DEI- ESECS - Politécnico de Leiria)
- Henrique Ramalho (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Isabel Abrantes (ESEV- Politécnico de Viseu)
- Isabel Aires de Matos (CI&DEI- ESEV- Politécnico de Viseu)
- Isabel Cabrita (Universidade de Aveiro)
- Isabel Menezes (FPCE – Universidade do Porto)
- Joana Mendonça (ESEP - Politécnico do Porto)
- João Nunes (ESEV - Politécnico de Viseu)
- João Paulo Balula (CI&DEI - ESEV - Politécnico de Viseu)
- João Pedro da Ponte (IE - Universidade de Lisboa)
- João Rocha (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Joe O’Hara (Dublin City University)
- Jorge Adelino Costa (Universidade de Aveiro)
- José Manuel Almeida Pereira (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Kátia Medeiros (Universidade Estadual da Paraíba)
- Leandro Ricardo Cavadas (CI&DEI- ESEV - Politécnico de Viseu)
- Luís Menezes (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Luís Nuno Sousa (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Manuel Vara Pires (Politécnico de Bragança)
- Manuela Ferreira (ESSV - Politécnico de Viseu)
- Mara Maravilha (ESEV - Politécnico de Viseu)
- Maria Cristina Aguiar (ESEV - Politécnico de Viseu)
- Maria Figueiredo (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Maria João Amante (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Maria João Silva (ESELx - Politécnico de Lisboa)
- Maribel Miranda Pinto (Universidade Aberta)
- Marta Fonseca (CI&DEI- ESECS - Politécnico de Leiria)
- Pablo Flores (Universidade Granada)
- Paula Rodrigues (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Paula Santos (Universidade de Aveiro)
- Paula Xavier (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Paulo Eira (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Pedro Balas Custódio (ESEC- Politécnico de Coimbra)
- Pedro José Tadeu (CI&DEI-ESECD - Politécnico da Guarda)
- Petra Grell (Technische Universität Darmstadt)
- Rosa Tracana (CI&DEI-ESECD-Politécnico da Guarda)
- Rosina Fernandes (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Sandrina Milhano (CI&DEI- ESECS - Politécnico de Leiria)
- Sara Felizardo (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)
- Simone dos Prazeres (ESEV- Politécnico de Viseu)
- Sofia Campos (CI&DEI-ESSV - Politécnico de Viseu)
- Sofia Marques da Silva (FPCE – Universidade do Porto)
- Susana Amante (CI&DEI-ESTGV - Politécnico de Viseu)
- Valter Alves (ESTGV - Politécnico de Viseu)
- Véronique Delplancq (CI&DEI-ESEV - Politécnico de Viseu)

Índice

- 10 **INTRODUÇÃO**
Luís MENEZES, João ROCHA, Maria FIGUEIREDO, António RIBEIRO, Ana Isabel SILVA, Sara FELIZARDO, Ana P. CARDOSO
- 12 **POLÍTICAS EDUCATIVAS E CURRICULARES: DAS INTENCIONALIDADES GOVERNATIVAS ÀS PRÁTICAS CURRICULARES**
Carla LACERDA
- 13 **INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO: PROCESSOS DE INCLUSÃO NUMA ESCOLA DA PERIFERIA E VISEU**
Carolina SANTOS, Ana Paula CARDOSO, João ROCHA
- 15 **O ENSINO A DISTÂNCIA E O SEU IMPACTO NA PRÁTICA SUPERVISIONADA NO 1.º CEB NA PERSPETIVA DOS ESTUDANTES DE MESTRADO**
Bárbara MARQUES, Ana Paula CARDOSO, Carla LACERDA
- 17 **INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: PROCESSOS DE INCLUSÃO NUM JARDIM DE INFÂNCIA DA PERIFERIA DE VISEU**
Mariana DOMINGOS, João ROCHA, Ana Paula CARDOSO
- 19 **PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS: PERCEÇÕES GERACIONAIS**
Bruna ALBUQUERQUE, Bruna GOMES, Inês PEREIRA, Susana FERREIRA, Leandra CORDEIRO, Esperança RIBEIRO
- 20 **O QUE E COMO APRENDEMOS COM PRÁTICAS DE PROFESSORES MONODOCENTES? REFLEXÕES SOBRE INVESTIGAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO**
Luiza OLIVEIRA, Conceção COSTA
- 22 **APRENDIZAGEM DA QUÍMICA NA ESCOLA E APRENDIZAGEM EM MUSEUS E NAS RUAS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS, OPORTUNIDADES E AMEAÇAS**
Sérgio RODRIGUES
- 23 **ARTES VISUAIS NO 1.º CEB: DESAFIOS ATUAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**
Lúcia MAGUETA
- 25 **ARTE E SUSTENTABILIDADE – EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO PLÁSTICA REALIZADAS POR PROFESSORES EM FORMAÇÃO**
Lúcia MAGUETA
- 26 **AS TECNOLOGIAS COMO INSTRUMENTO NA APLICAÇÃO DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM**
Ana Beatriz MATOS, Gisela PESTANA, Liliana SIMÕES, Sara FELIZARDO
- 28 **O DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM E A IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS**
Liliana SIMÕES, Sara FELIZARDO
- 29 **AS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DO ESTUDO PARA ALUNOS COM PERTURBAÇÃO DE HIPERATIVIDADE E DÉFICE DE ATENÇÃO**
Zélia TORRES
- 30 **VIVENCIAR O TRABALHO PROJETO EM CONTEXTO DE ENSINO SUPERIOR**
Clarinda BARATA
- 31 **OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O POTENCIAL FORMATIVO E TRANSFORMATIVO DA INDAGAÇÃO DA PEDAGOGIA NO ENSINO SUPERIOR**
Amanda FRANCO, Julien DIOGO
- 32 **IMPACTO DE UM TREINO DE COMPETÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS EM MITOS SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL EM ADOLESCENTES**
Ana Rita PERES, Patrícia AGUIAR, Emília MARTINS
- 34 **NARRATIVAS SOBRE O CONCEITO DE CRIANÇA: PARADOXO DISCURSIVO E FORMAÇÃO**

- Cátia PINHO, Esperança RIBEIRO, Sara FELIZARDO
- 35 **BRINCAR NA ESCOLA: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS**
Mariana REI, Paulo EIRA, António AZEVEDO
- 37 **O CONTRIBUTO DA GINÁSTICA NA FORMAÇÃO INFANTIL**
Marisa ALMEIDA, Carla VIEIRA, Paulo EIRA, António AZEVEDO
- 39 **PAPEL DAS INTERAÇÕES COMUNICATIVAS NA ATIVIDADE MATEMÁTICA DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR**
Ana Rita CUNHA, Luís MENEZES, Anabela NOVAIS
- 40 **DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE A PRODUÇÃO ACADÉMICA BRASILEIRA**
Débora FRAGA, Paulo FOCHI
- 42 **ESTUDOS DE CASO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCURSOS METODOLÓGICOS DE DUAS PESQUISAS BRASILEIRAS**
Débora FRAGA, Leisiane HEMING; Paulo FOCHI
- 44 **ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR EM PORTUGAL: PERSPETIVAS SOBRE DIFICULDADES EXPERIENCIADAS E IMPLICAÇÕES FUTURAS**
Maria FIGUEIREDO, Helena GOMES, Catarina ARAÚJO, Susana AMANTE, Valter ALVES, Ana Catarina SOUSA, Cristina Azevedo GOMES

Introdução

“10 anos é muito tempo”, verso do refrão da canção de Paulo de Carvalho, descreve bem o caminho e o tempo deste Congresso “Olhares sobre a Educação”. Se 10 anos é muito tempo na vida de um congresso (dos quais, os últimos três correspondem já a uma dimensão internacional: *3rd International congress perspectives on education*), 10 anos são muito pouco no que respeita aos processos educativos. Nesta edição do congresso, temos esse olhar largo, refletindo sobre o passado, pensando o presente e projetando o futuro. Assim, o congresso subordinado ao tema “Olhar(es) para a Educação do amanhã” foca múltiplas problemáticas da educação, desde um nível macro, onde se incluem as políticas educativas, até a um nível micro, onde se incluem as práticas de investigação e as práticas profissionais dos diversos atores educativos.

O congresso inclui conferências plenárias, mesas redondas, oficinas e espaços abertos à livre submissão de trabalhos no campo da educação, tanto em formato póster como em comunicação oral. Destacamos as três conferências apresentadas – “Por uma formação matemática para hoje e para amanhã: o contributo das Aprendizagens Essenciais do Ensino Básico”, por Lina Brunheira, ESE de Lisboa; “Políticas educativas e curriculares: das intencionalidades governativas às práticas curriculares”, por Carla Lacerda, ESE de Viseu; “TikTok e ativismo juvenil”, por Laura Cervi, Universidade Autónoma de Barcelona.

Este livro inclui os resumos das comunicações submetidas (comunicação oral e póster) e aprovadas pela Comissão Científica do Congresso.

Viseu, 24 de novembro de 2022.

A Comissão Organizadora

Ana Isabel Silva, Ana Melo, Ana Paula Cardoso, António Ribeiro, Carla Lacerda, João Rocha, Luís Menezes, Maria Figueiredo, Sara Felizardo

POLÍTICAS EDUCATIVAS E CURRICULARES: DAS INTENCIONALIDADES GOVERNATIVAS ÀS PRÁTICAS CURRICULARES

Carla Lacerda

Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação, Portugal

clacerda@esev.ipv.pt

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar as principais medidas de política educativa e curricular, que ao longo de quatro décadas de democratização do ensino em Portugal se levaram a cabo no âmbito da administração central, das escolas, do currículo, dos professores e dos alunos. Nesta medida, tenta-se aqui trazer uma análise crítica sobre as mudanças educativas e curriculares, verificadas em Portugal, no período de 1976 a 2019, no sentido de problematizar as questões nucleares que, por um lado, viabilizam e, por outro, dificultam a implementação efetiva das mudanças. Também se reconfigurou relevante, neste trabalho, analisar as formas como as políticas educativas desencadearam as mudanças e a inovação a partir das reformas educativas, salientando-se, neste quadro, a Lei de Bases do Sistema Educativo, como a mudança que mais alterações trouxe para as escolas, sendo aqui assumida como a maior inovação educativa até ao momento, sendo capaz de acolher diferentes reformas e reorganizações curriculares, sem pôr em causa os seus princípios e pressupostos. A natureza da metodologia deste estudo é qualitativa, tendo-se recorrido à pesquisa documental e análise de conteúdo dos programas de Governo, às investigações que tiveram por objetivo a compreensão deste período, bem como alguns discursos dos protagonistas (Ministros da Educação e Secretários de Estado), a partir de uma análise extensiva que inferiu que muitas foram as medidas que se preconizaram, retratando uma realidade educativa a melhorar nas escolas, no trabalho curricular dos professores, na sua colaboração e articulação, no sentido de projeto, apenas liminarmente presente nos discursos, mas pouco efetivo nas práticas. Apresentam-se algumas conclusões ao nível curricular, nomeadamente, a de que esta mudança não esteve centrada no conteúdo do conhecimento ou, se quisermos, no conteúdo dos programas escolares, mas sobretudo nas formas como esses programas foram sendo geridos, enquadrados, articulados e adaptados às realidades e públicos escolares, o que possibilitou a compreensão do esforço que a política educativa deve ser capaz de assumir em torno da escola, do currículo e dos professores.

Palavras-chave: Currículo, Políticas educativas e curriculares, Práticas curriculares, Reformas educativas, Reorganização curricular.

INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO: PROCESSOS DE INCLUSÃO NUMA ESCOLA DA PERIFERIA DE VISEU

Carolina Santos
Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
carolina_nobre2@hotmail.com

Ana Paula Cardoso
Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
a.p.cardoso@esev.ipv.pt

João Rocha
Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
jorochoa@esev.ipv.pt

RESUMO: A diversidade cultural cada vez mais presente nas escolas faz (re)pensar as respostas educativas da escola, no sentido de abolir comportamentos discriminatórios para com alunos das minorias étnicas, como é o caso da etnia cigana. Como tal, torna-se necessário a implementação de estratégias e dispositivos pedagógicos diferenciados que promovam a inclusão desses alunos. Deste modo, surgiu o trabalho de investigação que teve como intuito perceber qual o trabalho que tem sido desenvolvido numa Escola do 1.º CEB da periferia de Viseu. Trata-se de um estudo de caso de cariz qualitativo, que visa a compreensão dos fenómenos e processos que ocorrem num dado contexto (Yin, 2001). As técnicas e os instrumentos de pesquisa mobilizados foram a observação, a pesquisa documental, a entrevista semiestruturada aos vários intervenientes educativos e o teste sociométrico, procurando perceber os fatores que potenciam a inclusão de alunos numa escola maioritariamente frequentada por alunos de etnia cigana. Neste sentido, os participantes do estudo foram os alunos, os seus pais/EE, o Diretor do Agrupamento, a mediadora sociocultural e a Representante da Associação de Pais. Para a análise e tratamento dos dados recorreu-se à análise de conteúdo. Com os dados obtidos, foi possível tirar algumas conclusões, que permitiram compreender e analisar as práticas na referida Escola do 1.º CEB. As conclusões deste estudo evidenciam o trabalho que tem sido desenvolvido no âmbito da inclusão de alunos ciganos, tendo como suporte a legislação em vigor, nomeadamente o Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, que garante que a escola deve proporcionar as mesmas oportunidades a todos; contudo, de forma diferenciada consoante as características e a diversidade dos alunos. Deste modo, a diferenciação curricular, diferenciação pedagógica ou pedagogia diferenciada como diversos autores designam é uma das respostas educativas presentes na escola alvo de estudo, pautando-se, acima de tudo, pela inovação pedagógica. Esta Escola do 1.º CEB apresenta, assim, uma metodologia inovadora e alternativa que visa uma educação inclusiva em que as crianças, independentemente do seu contexto socioeconómico, podem usufruir das mesmas oportunidades. Por sua vez, retivemos que a participação e o envolvimento dos pais/EE, sobretudo da etnia cigana, está aquém do desejável, sendo esta uma “luta” das professoras e da Associação de Pais, que têm vindo a trabalhar juntamente com outras entidades na dinamização de atividades que envolvam pais/EE e crianças.

Palavras-chave: 1.º Ciclo do ensino básico, Comunidade cigana, Educação inclusiva, Interculturalidade/Multiculturalidade, Inovação pedagógica.

Referências

Yin, K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e método*. Bookman.

Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho da Presidência do Conselho de Ministros. Diário da República, 1.ª série, N.º 129, (2018).

O ENSINO A DISTÂNCIA E O SEU IMPACTO NA PRÁTICA SUPERVISIONADA NO 1.º CEB NA PERSPETIVA DOS ESTUDANTES DE MESTRADO

Bárbara Figueiredo Marques
Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
babscardozo@gmail.com

Ana Paula Cardoso
Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
a.p.cardoso@esev.ipv.pt

Carla Lacerda
Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
clacerda@esev.ipv.pt

RESUMO: Em virtude do contexto da pandemia Covid-19, situação presente nos dois últimos anos, e na impossibilidade de as aulas serem presenciais, as escolas viram-se na obrigação de assumir novos desafios face às práticas letivas, que se repercutiram, quer nas rotinas dos estudantes, quer nas dos professores. Como tal, abordámos a problemática do Ensino a Distância (EaD), “uma modalidade de ensino que se constitui como uma alternativa de qualidade para os alunos impossibilitados de frequentar presencialmente uma escola, alicerçada na integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nos processos de ensino e aprendizagem como meio para que todos tenham acesso à educação” (DGE, 2021, para. 3), enquanto alternativa ao ensino presencial, para a consecução de práticas pedagógicas neste contexto. Em específico, tentámos descrever quais as perceções dos participantes desta investigação sobre as suas práticas supervisionadas durante a pandemia, nomeadamente: compreender quais os métodos empregues, incluindo o EaD como método alternativo de ensino; as soluções encontradas e as limitações ao nível do estágio efetuado pelos estudantes que frequentaram a Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico II, no ano letivo de 2019-2020. Para tal, foi levada a cabo uma investigação descritivo-exploratória de carácter qualitativo, recorrendo à entrevista semiestruturada como técnica de recolha de dados, realizada a dez estudantes do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico de uma Escola Superior da região centro de Portugal. Após a transcrição do discurso dos participantes envolvidos, procedemos à análise de conteúdo, passando pelas seguintes fases: (i) pré-análise; (ii) exploração do material, (iii) tratamento dos dados, inferência e interpretação dos resultados. Como principais resultados, constatámos que a grande maioria dos estudantes adaptou os conteúdos a lecionar, alterou as metodologias de trabalho e optou pelo uso dos recursos digitais (*Kahoot*, *Scratch*, etc.) nas suas práticas pedagógicas durante o estágio, no sentido de tornar mais dinâmicas as atividades propostas. Posto isto, muitos foram os aspetos positivos decorrentes do EaD, como por exemplo, a flexibilidade do mesmo, o alargamento da oferta de programas e plataformas online e a participação em formações online. As dificuldades enfrentadas foram, sobretudo, de índole tecnológico, tendo a maioria dos estagiários recorrido à autoformação com suporte nos processos de adaptação das duas práticas pedagógicas. As principais limitações sentidas e

destacadas pelos estudantes foram o distanciamento entre pares, quer entre estagiários/professores e crianças/alunos, como entre as mesmas. Face ao exposto, podemos concluir, de entre muitos aspetos, que o EaD apresenta, de facto, potencial para que no futuro haja um regime híbrido, onde ambas as modalidades de ensino trabalhem em articulação, isto com o auxílio das TIC, permitindo a concretização das aprendizagens e possibilitando a inovação pedagógica.

Palavras-chave: Covid-19, Ensino a Distância (EaD), Inovação pedagógica, Mudança Educativa, Prática de Ensino Supervisionada.

Referências

DGE (2021). *Ensino a distância*. <https://www.dge.mec.pt/ensino-distancia>

INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: PROCESSOS DE INCLUSÃO NUM JARDIM DE INFÂNCIA DA PERIFERIA DE VISEU

Mariana Domingos

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal

b.d.mariana@outlook.pt

João Rocha

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal

jorocho@esev.ipv.pt

Ana Paula Cardoso

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal

a.p.cardoso@esev.ipv.pt

Resumo: A sociedade atual caracteriza-se pela diversidade cultural, sendo a sala de atividades o encontro de crianças das mais variadas origens, etnias e culturas. Em termos teóricos, o desfavorecimento sociocultural das famílias é apontado como um efeito negativo à inclusão das crianças nas instituições educativas. Um dos grupos mais afetados é o povo cigano. Foi neste contexto que surgiu o trabalho de investigação, de cariz qualitativo, que procurou compreender e identificar as medidas educativas, os dispositivos pedagógicos e os principais fatores que têm potenciado a inclusão das crianças na Educação Pré-Escolar (EPE). Deste modo, tendo em conta os objetivos deste estudo de caso, que decorreu ao longo de seis meses, as técnicas e os instrumentos de pesquisa mobilizados foram a observação, a pesquisa documental e a entrevista semiestruturada ao diretor, à mediadora sociocultural, a um grupo de doze crianças, às educadoras, aos pais/EE e à representante da Associação de Pais do jardim de infância. Face ao desenvolvimento do trabalho de investigação tornou-se possível dar resposta a certas questões direcionadas para a educação de infância na sua generalidade, assim como na prática desenvolvida em contexto educativo. Como tal e de forma a colmatar este hiato, surgem os Decretos-Lei n.º 54/2018 e n.º 55/2018, de 6 de julho; dispositivos pedagógicos associados à abertura e proximidade que a instituição desenvolve com os pais/EE e modelos pedagógicos alternativos. Por último, retivemos que no jardim de infância em estudo os principais fatores que têm potenciado a inclusão das crianças são o trabalho diferenciado baseado nas novas pedagogias, nomeadamente, no MEM, a aceitação e valorização das diferenças das crianças e a utilização de apoios, concretizada em parcerias com a CM e outras entidades. Assim, com o estudo compreendemos que o jardim de infância é potenciador de inclusão porque tem um projeto inovador que utilizando metodologias e estratégias diferenciadas promove a aceitação e valorização das diferenças em contexto educativo, bem como o respeito pelos ritmos de aprendizagem e desenvolvimento das diversas crianças.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar, Inclusão, Inovação Pedagógica, Políticas Educativas, Dispositivos Pedagógicos

Referências

Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06, pp. 2918-2928.

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06, pp. 2928-2943.

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS: PERCEÇÕES GERACIONAIS

Bruna Albuquerque

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
brunaalbuquerque5297@hotmail.com

Bruna Gomes

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
pv19944@esev.ipv.pt

Inês Pereira

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
inesfbp@gmail.com

Susana Ferreira

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
susanamicaela2@hotmail.com

Leandra Cordeiro

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
lcordeiro@esev.ipv.pt

Esperança Ribeiro

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
esperancaribeiro@esev.ipv.pt

Resumo: As práticas educativas podem ser definidas como um conjunto de estratégias utilizadas pelos progenitores, a fim de criar oportunidades de ensino e aprendizagem, com a utilização de explicações, punições ou, até mesmo, recompensas. Parece ser consensual que as práticas educativas, quando são exercidas de forma incorreta, podem funcionar como fatores de risco, aumentando a ocorrência de resultados negativos que comprometem a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento da criança. Neste sentido, o presente estudo procurou identificar crenças e perceções sobre as práticas educativas em dois grupos etários distintos, com um intervalo geracional de 50 anos. O estudo é exploratório e de natureza quantitativa. Através de um inquérito por questionário, construído para o efeito, responderam 70 indivíduos, com idades compreendidas entre os 27 e os 88 anos, de ambos os sexos, que pretendeu avaliar a diferença de perceções relativamente às práticas educativas, nomeadamente comportamentos mais punitivos, ferramentas e estratégias utilizadas. Os resultados mais significativos prendem-se com o facto de 30% dos respondentes, incluídos na geração mais nova, que iniciou a parentalidade há menos de 5 anos, considerar que as ‘crianças necessitam de mão pesada’, por outro lado, tendo em conta a totalidade da amostra, cerca de 19% dos inquiridos não considera existir um impacto gravoso dos maus-tratos no desenvolvimento da criança. Os resultados encontrados sugerem a pertinência da continuidade do trabalho a desenvolver na área da prevenção primária junto das famílias, evidenciando-se como fulcral, nomeadamente, a confluência do trabalho multidisciplinar da educação social e da educação para a saúde.

Palavras-Chave: Práticas educativas; Família; Diferenças geracionais; Maus-tratos.

O QUE E COMO APRENDEMOS COM PRÁTICAS DE PROFESSORES MONODOCENTES? REFLEXÕES SOBRE INVESTIGAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

Luiza Alves de Oliveira
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
luiza.aoliveira@uol.com.br

Conceição Leal da Costa
Universidade de Évora, Portugal
mclc@uevora.pt

Resumo: Neste trabalho, partilhamos as primeiras reflexões construídas numa investigação em curso, desenvolvida com professores, respetivos alunos e com docentes do Ensino Superior de Portugal e do Brasil, cuja problemática se foca no papel da investigação na formação e desenvolvimento profissional dos professores. Como parte do seu todo, a pesquisa inclui um Estudo de Caso em Portugal que objetiva *compreender processos de construção de conhecimento com práticas de monodocentes, numa investigação participante, com envolvimento de todos os implicados, apoiando-se nos conceitos de workplace learning, lifelong learning e investigação praxiológica e perseguindo os princípios que sustentam a investigação no seu todo: valorização da colaboração, da escuta e da participação na pesquisa e na formação. O nosso olhar parte da observação participante realizada no âmbito deste estudo, em 2022, durante dois meses, com um grupo do 1º Ciclo (3º ano de escolaridade) e duas professoras que trabalham em equipa num Agrupamento de Escolas do Alentejo. As professoras e as crianças contaram-nos que partilham desde o 1º ano modos e práticas de ensinar e de aprender, onde questionamento, resolução de problemas e desenvolvimento de projetos tomam centralidade, pelo que o contexto de pandemia nada impediu acontecer. Nas notas de campo da observação participante, a par da flexibilidade no desenvolvimento curricular, do planeamento prévio, das conversas com crianças e investigadoras e das reflexões das profissionais, destacam-se a participação, o questionamento e a resolução de problemas, com participação efetiva das crianças nos processos de construção de conhecimento, em contexto de autenticidade e realismo, sem disciplinarização e saindo do espaço da escola. O trabalho com projetos também. Partilhamos, então, exemplos de práticas contextualizadas e, na interpretação dos diversos intervenientes, bem conseguidas, quer do ponto de vista das aprendizagens das crianças, quer do ponto de vista do conhecimento produzido com este estudo. Explicitamos como o conhecimento é gerado, com quem, em que condições, e com que efeitos, argumentando que o caminho seguido assume a colaboração sistemática entre intervenientes, num projeto de investigação que tem sido, cuidadosamente, construído em conjunto. Pretende-se fazer uma divulgação de práticas baseadas em evidências, enquanto possibilidade inspiradora de reflexões entre pares e contribuir para a sua mobilização apropriada em situações diversas. Conclui-se que este estudo nos impele a redimensionar o papel dos professores monodocentes e das crianças na construção de*

conhecimento, bem como de modos de investigar, de significar e de inovar, devolvendo importantes questões para a academia, sobretudo, para a formação de professores.

Palavras-chave: Observação participante, Monodocência, Prática, Participação, Formação de professores.

APRENDIZAGEM DA QUÍMICA NA ESCOLA E APRENDIZAGEM EM MUSEUS E NAS RUAS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS, OPORTUNIDADES E AMEAÇAS

Sérgio P. J. Rodrigues

Universidade de Coimbra, CQC, Portugal

spjrodrigues@ci.uc.pt

Resumo: A aprendizagem em contexto formal nas escolas e contexto informal nos museus, exposições, ruas, espetáculos e vida social tem, à partida, uma diferença óbvia: a liberdade. No primeiro caso há uma obrigação, enquanto no segundo (vamos excluir as atividades programadas pelas escolas, mas, mesmo essas, envolvem componentes de liberdade) há uma escolha voluntária das pessoas. No entanto, para além desse aspeto, há semelhanças nas formas como se aprende, nomeadamente a reflexão e a exploração (Sharples, 2019, apresenta outras). A maioria das crianças e jovens atuais gosta da escola. Veem as escolas como lugares de socialização que fazem parte das suas vidas. Mas ainda há uma pequena parte de alunos que não gosta da escola. Esses mesmos alunos também não vão, em geral, a museus, exposições e espetáculos culturais voluntariamente, ou por se sentirem excluídas, ou por estes nada lhes dizerem (Dawson, 2019). Nesse aspeto, e noutros, a escola tem um papel fundamental a estimular gostos e a praticar a inclusão. Quando até aos anos 1970, eram apenas os pais que levavam os filhos aos museus, perpetuava-se a separação de classes sociais que reproduzia a da escola (isto é analisado por Bourdieu, Darbel & Schnapper, 1969), mas, se cada vez mais, forem os filhos a levar, ou estimular, os pais e familiares a irem a museus, pode aumentar-se a igualdade. A presente comunicação, partindo da experiência e reflexão do autor, enquanto docente de unidades curriculares de didática das ciências, por um lado, e de património e museus, por outro, procura fazer uma revisão dos vários aspetos enunciados, centrada no ensino da química, usando várias formas de ensinar e aprender (cf. Aires, 2017; Sharples, 2019).

Palavras-chave: Ensino em contexto formal, Ensino em contexto informal, Formas de aprender e ensinar

Referências

- Aires, L. M. (2017). *Ensinar e aprender realmente melhor*. Sílabo.
- Bourdieu, P., Darbel, A., Schnapper, D. (1969). *L'amour de L'art : Les Musées d'art européens e leur public* (2ième Éd. Rev. Augm). Les Éditions de Minuit.
- Dawson, E. (2019). *Equity, exclusion and everyday science learning*. Routledge.
- Sharples, M. (2019). *Practical pedagogy: 40 new ways to teach and learn*. Routledge.

ARTES VISUAIS NO 1.º CEB: DESAFIOS ATUAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Lúcia Grave Magueta

Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais e CI&DEI, Portugal

lucia.magueta@ipleiria.pt

Resumo: A formação de professores para a atuação na componente de Artes Visuais no 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) tem sido objeto de investigação e de reflexão em vários contextos, sendo exemplos os trabalhos de Sousa (2018), Palhares (2018), Ornelas (2018), Egas (2021), Ialberg et al. (2022), entre outros. Nestes trabalhos refletiu-se sobre o lugar das Artes Visuais no currículo e, especificamente, sobre processos de formação de professores que conduzem a uma plena concretização de propósitos da Educação Artística. A sua importância foi enunciada no UNESCO Road Maps for Arts Education, em 2006, na Seul Agenda for Arts Education, em 2010, e também noutros contextos mais recentes. As medidas de política educativa que surgiram nos últimos anos – a avaliação externa na componente de Educação Artística; o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória; as Aprendizagens Essenciais para as Artes Visuais; o Plano Nacional das Artes, que promoveu o aparecimento dos projetos culturais de escola; a atuação do programa de Educação Estética e Artística – reclamam uma formação de professores que siga a investigação e a reflexão contemporâneas sobre a valorização das artes na educação. Nesta sequência, a comunicação e artigo pretendem contribuir para a mesma reflexão, apresentando alguns exemplos de experiências realizadas na formação de professores em unidades curriculares que incidem sobre as Artes Visuais, conducentes a uma construção de conhecimento disciplinar e didático. Assim, seguindo uma metodologia de estudo de caso e tendo como objetivo refletir sobre o conhecimento relevante na formação do professor do 1.º CEB para atuar nesta área, descrevem-se práticas, analisam-se dados obtidos através da aplicação de questionários e analisam-se reflexões produzidas pelos professores em formação. Os resultados mostram que os futuros professores valorizam as Artes Visuais e o currículo formal desta componente no 1.º CEB; preocupam-se em conhecer processos de criação plástica e experiências de aprendizagem adequadas a alunos de diferentes idades e que favoreçam a educação inclusiva; perspetivam formas de concretizar a integração curricular através das Artes Visuais, incluindo abordagens a domínios de Educação para a Cidadania; salientam a importância da expressão da individualidade na experiência artística; entre outros aspetos.

Palavras-chave: Artes Visuais; Educação Artística; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Formação de Professores.

Referências

- Egas, O. (2021). Desaprendizagens permanentes: Experiências com a arte na Pedagogia. *Revista GEARTE*, 8(2), 253-278. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.117501>
- Ialberg, R., Sousa, A., & Oliveira, M. (2022). Práticas docentes em Artes Visuais na formação inicial de educadores e professores de crianças (0 aos 12 anos). *Revista GEARTE*, 9, 1-16. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.123537>
- Ornelas, M. (2018). Estratégias de Ensino para uma Educação Artística não tóxica. *Saber & Educar*, 24, 1-11. <http://dx.doi.org/10.17346/se.vol24.334>
- Palhares, S. (2018). A Educação Artística no Presente e no Futuro. *Saber & Educar*, 24, 1-11. <http://dx.doi.org/10.17346/se.vol24.331>

Sousa, A. (2018). “Desenho como uma criança de 5 anos”: Traços e traumas na formação de educadores de infância / professoras do primeiro ciclo. *Revista Matéria Prima*, 6(3), 119-132.

ARTE E SUSTENTABILIDADE – EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO PLÁSTICA REALIZADAS POR PROFESSORES EM FORMAÇÃO

Lúcia Grave Magueta

*Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais e CI&DEI, Portugal
lucia.magueta@ipleiria.pt*

Resumo: A comunicação relata uma experiência de formação realizada no curso de licenciatura em Educação Básica da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Esta experiência concretizou-se na unidade curricular (UC) de Expressão Plástica, no corrente ano letivo, e visou aprendizagens sobre materiais e a sua transformação e extensão de vida; *upcycling* / reutilização criativa de materiais; economia circular e *upcycled art*. Sendo um contexto de formação inicial de educadores e professores, em justaposição à abordagem teórica de conteúdos da UC, foram discutidos os «Objetivos de Desenvolvimento Sustentável» propostos pelas Nações Unidas, o «Plano de Ação para a Economia Circular em Portugal», nomeadamente os pontos enquadrados na «Ação 3 – Educar para a Economia Circular», assim como os contributos de Eça (2010), Rocha (2013) e Cabral (2017) neste âmbito. Nas experiências práticas, foi proposto aos estudantes, num total de 51, um projeto individual de criação plástica (criação de um objeto tridimensional) que representasse ideias sobre sustentabilidade. O desafio foi colocado em forma de questão – *Como é que a criação plástica através da reutilização criativa de materiais pode comunicar ideias sobre sustentabilidade?* Para estudar esta experiência formativa, adotou-se uma metodologia de investigação-ação, com os seguintes momentos e ações: 1. Diagnóstico – aplicação de um questionário sobre «arte e sustentabilidade», previamente à abordagem teórica já mencionada; 2. Planificação – planeamento das aulas práticas e dos recursos necessários; 3. Implementação – realização de aulas de criação plástica que incluíram o planeamento realizado pelos estudantes (levantamento de dados sobre materiais, criação de imagem tendo em conta a intenção expressiva da composição) e a construção do objeto, aplicando técnicas simples de transformação de plástico, metal e papel de embalar; 4. Reflexão sobre as aprendizagens construídas – aplicação de um questionário final. A observação participante, os registos fotográficos e a análise ao conteúdo das respostas obtidas fizeram sobressair o valor formativo da experiência. Os resultados evidenciaram as aprendizagens construídas ao longo do processo. Estas foram relativas aos conteúdos da UC e ainda relativas à importância que os estudantes atribuíram: a) à prática artística enquanto meio para a reflexão sobre sustentabilidade; b) às mensagens veiculadas pela composição plástica; e c) à transferibilidade do processo vivenciado para diferentes contextos educativos.

Palavras-chave: Arte, Sustentabilidade, Expressão Plástica, Formação de professores.

Referências

- Cabral, M. (2017). *As coisas partidas podem ser bonitas: Crianças pequenas exploram e brincam com a arte*. Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Eça, T. (2010). Educação através da arte para um futuro sustentável. *Cad. Cedes*, 30 (80), 13-25.
- Rocha, M. (2013). Educação em Arte: Encruzilhadas e caminhos. *Medi@ções*, 2 (1), 33-44.

AS TECNOLOGIAS COMO INSTRUMENTO NA APLICAÇÃO DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM

Ana Beatriz Matos

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
esev10159@esev.ipv.pt

Gisela Pestana

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
esev12105@esev.ipv.pt

Liliana Simões

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
pv21378@esev.ipv.pt

Sara Felizardo

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
sfelizardo@esev.ipv.pt

Resumo: O referencial inclusivo é operacionalizado pelos normativos legais impostos entre 2016 e 2018, destacando o Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, e o Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho. Estes normativos visam a utilização das tecnologias, como instrumento de apoio, para a eliminação de barreiras à aprendizagem, bem como a participação e acesso ao currículo, através de estratégias pedagógicas flexíveis, tendo por base os princípios fundamentais do Desenho Universal para a Aprendizagem – DUA (Meyer et al., 2014; Pereira, 2018). O estudo centra-se na perceção dos docentes relativamente ao contributo das tecnologias para a implementação do DUA, enquanto resposta para o sucesso escolar de todos os alunos, assente em três princípios: “o porquê”, “o quê” e “o como” da aprendizagem. O presente estudo é de natureza quantitativa descritiva, tendo sido aplicado um questionário ad hoc a 34 professores de um Agrupamento de Escolas do centro do país. A amostra, por conveniência, é maioritariamente constituída por professores do sexo feminino, 88.2% (n=30), sendo que 52.9% (n=18) lecionam no 3.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e Secundário e 47.1% (n=16) lecionam nos 1.º e 2.º CEB. Verifica-se que 64.7% (n=22) dos professores planificam as suas aulas a partir dos princípios do DUA, sendo que a maioria utiliza as tecnologias na sua prática pedagógica, 82.4% (n=28), com destaque para o Kahoot!, 41.2% (n=12) e o Padlet, 58.8% (n=20). A maioria dos professores, 94.1% (n=32), concorda com a importância da aplicação das tecnologias para a inclusão, mas 38.3% (n=13) não utiliza as ferramentas digitais para responder às necessidades específicas dos alunos. A construção de uma escola verdadeiramente inclusiva exige a aplicação do DUA nas práticas pedagógicas, podendo recorrer-se às tecnologias, para a concretização das áreas de competência do PASEO, com destaque para o Saber Científico e Tecnológico, a Informação e Comunicação e o Desenvolvimento e Autonomia. Verificou-se, no entanto, existe ambiguidade entre o conhecimento e implementação do DUA, bem como a utilização pouco diversificada das tecnologias enquanto ferramenta pedagógica promotora da inclusão.

Palavras-chave: Tecnologias, Inclusão, Escola, Desenho Universal para a Aprendizagem.

Referências

- Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, alterado pela Lei n.º 116/2019, de 13 de setembro – Estabelece o regime jurídico da educação inclusiva.
- Decreto-Lei 55/2018, de 6 de julho – Estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens
- Meyer, A., Rose, D., & Gordon, D. (2014). *Universal design for learning: Theory and practice*. CAST. <http://udltheorypractice.cast.org/login>

O DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM E A IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

Liliana Simões

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
lilianahfasimoes@gmail.com

Sara Felizardo

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
sfelizardo@esev.ipv.pt

Resumo: A construção de uma escola inclusiva opera uma rotura com a visão redutora da homogeneização e da categorização, aceitando a diversidade como o verdadeiro húmus da realidade escolar. A necessidade de ultrapassar as barreiras nos contextos educativos, garantindo a participação, o acesso ao currículo e o sucesso escolar de TODOS, interpela-nos a (re)imaginar novas metodologias para uma implementação pragmática da inclusão escolar. O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), enquanto metodologia ajustada à escola inclusiva proposta no Decreto-lei n.º 54/2018, de 6 de julho, necessita de esclarecimento para a sua operacionalização. Objetivo: o estudo centra-se, num primeiro momento, numa incursão sobre a falência da gramática escolar, os enquadramentos legais vigentes e uma análise sobre o DUA, assente na multiplicidade de meios de envolvimento, apresentação dos conteúdos e expressão/ação das aprendizagens, assim como são exploradas propostas pedagógicas de aplicação do DUA, envolvendo o trabalho colaborativo entre professores na transformação dos ambientes pedagógicos. Num segundo momento é analisado o impacto nos participantes de uma formação sobre o DUA e práticas pedagógicas inclusivas. Metodologia: o estudo, de cariz exploratório, é de natureza quantitativa e compreendeu a aplicação de dois questionários a 128 professores e estudantes de mestrado em educação numa ação de formação de quatro horas: o primeiro questionário foi aplicado antes da ação de formação, o segundo questionário foi aplicado após a formação para avaliar o seu impacto. Os participantes são maioritariamente do sexo feminino 89.1% (n=114), com 45 ou mais anos, 57% (n=73) e licenciados, 76.6% (n=98). Resultados: a maioria dos participantes sente-se preparado para implementar estratégias pedagógicas inclusivas 62.1% (n=72) e consideram que o DUA respeita as diferenças entre os alunos (38.3% (n=49) concorda e 59.4% (n=76) concorda totalmente). Os estudantes de mestrado revelam que o DUA é abordado na sua formação, 79.2% (n=42), remetendo para uma sensibilização do ensino superior para metodologias inclusivas. O DUA, enquanto ferramenta metodológica para atender à variabilidade dos alunos, começa a ganhar terreno entre os atores educativos e na formação inicial de professores. O caminho para uma escola inclusiva é evidenciado pelo interesse crescente por metodologias inclusivas, mas exige-se esclarecimentos práticos para a sua implementação.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas, Inclusão, Escola, DUA.

Referências

Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho. Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06.

Presidência do Conselho de Ministros.

AS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DO ESTUDO PARA ALUNOS COM PERTURBAÇÃO DE HIPERATIVIDADE E DÉFICE DE ATENÇÃO

Zélia Torres

Universidade Lusófona Humanidades e Tecnologias, Portugal
zeliatorres@gmail.com

Resumo: A Perturbação de Défice de Atenção e Hiperatividade (PHDA) é caracterizada por défices relacionados com a atenção e o controlo dos impulsos. Existem dificuldades em manter a atenção focada e agitação ou comportamento irrequieto. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) reúnem um conjunto de estratégias que podem ser adotadas, na sala de aula, para minimizar as consequências negativas destes alunos. Foram incluídos neste estudo 92 alunos, com idades entre 10 e os 13 anos que frequentavam o 5º e 6ºano de escolaridade, de uma escola da rede pública do concelho de Lisboa, que tinham sido avaliados psicologicamente e preenchiam os critérios de PHDA. O objetivo foi perceber se as TIC contribuíam para melhor concentração e atenção dos alunos com PHDA, quando realizavam as atividades em contexto de sala de aula, com acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Foi feito o registo em grelhas sobre o tempo de concentração e atenção no desempenho da atividade proposta pelo professor, comparativamente com outro grupo de alunos com PHDA de outra turma que realizaram a mesma atividade sem recursos às TIC que se distraiam constantemente. Os resultados revelaram que os alunos com PHDA que beneficiaram do recurso às TIC para desenvolverem as suas atividades curriculares em contexto de sala de aula, realizaram com mais atenção e concentração, a distração foi menor comparativamente com o grupo que realizou a mesma atividade sem recurso às TIC que se distraiam constantemente. Concluímos que o recurso às TIC sendo um facilitador ao estudo é uma ferramenta que faz parte do currículo de todos os alunos, deve ser utilizada como recurso ao estudo, sempre que possível aos alunos com PHDA e sem PHDA. Sendo também um recurso pedagógico preferencial dos alunos.

Palavras-chave: Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção, Tecnologias de Informação e Comunicação, Aprendizagem.

VIVENCIAR O TRABALHO PROJETO EM CONTEXTO DE ENSINO SUPERIOR

Clarinda Barata

Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais e CI&DEI, Portugal

clarinda.barata@ipleiria.pt

Resumo: A presente comunicação diz respeito ao desenvolvimento de uma metodologia ativa - trabalho projeto, junto de alunos do ensino superior, futuros educadores e professores de 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), na esteira de John Dewey, Kilpatrick, Vasconcelos, Formosinho, entre outros. Como formadora de futuros educadores e professores, estando ciente da necessidade de mudar de paradigma, quer em contexto de educação de infância, quer em contexto de 1.º e 2.º CEB, considero que tal só é possível se dermos oportunidades, aos futuros profissionais em educação de vivenciarem experiências educativas assentes em metodologias ativas, rompendo também com um paradigma de cunho tradicionalista no ensino superior. Assim sendo, no âmbito de duas unidades curriculares (uma de 3.º ano da Licenciatura em Educação Básica e outra de 1.º /2.º ano dos mestrados profissionalizantes) foi dada a oportunidade aos estudantes de escolherem (por votação anónima) como é que queriam desenvolver os conteúdos das respetivas unidades curriculares (UC): se por trabalho projeto ou de forma tradicional. Neste estudo, visava empoderar os conhecimentos e vivências dos estudantes. Participaram 42 alunos de LEB e 39 dos Mestrados profissionalizantes, sendo que a maioria dos estudantes optou trabalhar os conteúdos das UC por trabalho projeto (41 e 33 respetivamente dos estudantes). Foram constituídos grupos de trabalho, escolheram as temáticas, investigaram os temas, construíram os trabalhos e comunicaram aos colegas e à comunidade os resultados das suas pesquisas. Recorreu-se à observação participante com registo num diário de bordo do acompanhamento e da monitorização em sala de aula realizado pela docente. Com recurso a um questionário fizeram-se as avaliações intermédias para perceber as principais dificuldades e como estava a decorrer o desenvolvimento do trabalho. No final do semestre, aplicou-se outro questionário aos estudantes, com o intuito de perceber o seu conhecimento relativo a metodologias ativas, se se sentiam preparados para pôr em prática e o que mais impactante desta experiência. O estudo indicia que os alunos já tinham ouvido falar de metodologias ativas, que teoricamente conheciam, mas não se sentem seguros em colocar em prática em virtude de não terem vivenciado experiências semelhantes.

Palavras-chave: Metodologia ativa, Trabalho Projeto, Ensino Superior.

Referências

- Formosinho, J.O. (Org.) (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (4.ª ed.). Porto Editora.
- Formosinho, J.O., & Gambôa, R. (Orgs) (2011). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-participação*. Porto Editora.
- Oliveira, M., Rodrigues, M., & Milhano, S. (Orgs) (2022). *A voz e a agência da criança – abordagem de Projeto na Formação de Educadores de Infância*. APEI | ESECS-IPLeia.
- Vasconcelos, T. (Coord.) (2012). *Trabalho por projectos na Educação de Infância: Mapear aprendizagens, integrar metodologias*. Ministério da Educação e Ciência.

OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O POTENCIAL FORMATIVO E TRANSFORMATIVO DA INDAGAÇÃO DA PEDAGOGIA NO ENSINO SUPERIOR

Amanda Franco

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
afranco@esev.ipv.pt

Julien Diogo

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
jdiogo@esev.ipv.pt

Resumo: O quotidiano das/dos docentes no ensino superior é invariavelmente preenchido com atividades ligadas à lecionação, administração e/ou coordenação e publicação, nem sempre sobrando tempo ou energia (ou motivação) para pensar sobre as práticas pedagógicas – quer antes, quer durante, quer após estas terem tido lugar. Tal reflexão sobre as próprias práticas pedagógicas – crucial para as transformar e, assim, potenciar os processos de ensino e aprendizagem e seus produtos –, assim como a inerente partilha interpares, são essenciais para as/os docentes que pretendem, continuamente, aprender a ensinar, em prol das/dos estudantes. A esta reflexão e partilha para a transformação de práticas pedagógicas é dado o nome de Indagação da Pedagogia. No presente trabalho, partilha-se um processo de Indagação da Pedagogia levado a cabo entre pares da mesma instituição do ensino superior, e seus produtos. Nomeadamente e no que se refere ao desenho metodológico seguido, uma docente em início de atividade observou uma aula de um docente mais experiente e de outra área, a partir de um contacto prévio estabelecido precisamente sobre Indagação da Pedagogia. A partir dessa observação de aula e da reflexão a dois dela emergente, reformulou-se uma atividade pensada para uma unidade curricular de um Curso Técnico Superior Profissional, sobre o trabalho de projeto enquanto metodologia. Implementada a atividade com a turma, seguiu-se nova reflexão a dois (entre docente e amigo crítico), sobre os resultados obtidos. A estes resultados percebidos pela docente, individualmente e em reflexão com o seu amigo crítico, soma-se o feedback fornecido pelas próprias alunas que realizaram a atividade e que foram auscultadas através de um inquérito (por questionário), triangulando dados sobre o impacto percebido da atividade. Para além de se relatar a experiência pedagógica e de se partilharem realizações educativas sobre o processo e seus produtos, tecem-se considerações sobre a forma como as práticas pedagógicas se podem – e devem – aliar a práticas investigativas, pelo potencial de transformação das práticas da/do docente que as pratica e, ultimamente, de potenciação das aprendizagens construídas colaborativamente com as/os estudantes. Neste caso, através da Indagação da Pedagogia, a sala de aulas expandiu-se e beneficiou de múltiplos olhares, que convidam a novas reflexões e ao repensar das práticas pedagógicas futuras.

Palavras-chave: Indagação da pedagogia, Ensino superior, Observação interpares, Amigo crítico.

IMPACTO DE UM TREINO DE COMPETÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS EM MITOS SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL EM ADOLESCENTES

Ana Rita Peres
AFV-Projeto Jogos+Vida, Portugal
anaritaperes@gmail.com

Patrícia Aguiar
AFV-Projeto Jogos+Vida, Portugal
patriciaguiar.psic@hotmail.com

Teresa Mendes
AFV-Projeto Jogos+Vida
teresa.tiny@hotmail.com

Emília Martins
Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
emiliamartins@esev.ipv.pt

Francisco Mendes
Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
fmendes@esev.ipv.pt

Rosina Fernandes
Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
rosina@esev.ipv.pt

Resumo: As competências pessoais e sociais na adolescência são fatores protetores do consumo de substâncias psicoativas (López-Ramírez et al., 2022), nomeadamente o álcool (Amini Pozveh & Saleh, 2020). Neste contexto, assumem relevo intervenções que visem o desenvolvimento dessas competências, incluindo a promoção da literacia sobre estas substâncias (Okan, 2020). **Objetivos:** caracterizar o impacto de um treino de competências pessoais e sociais, sobre os níveis de conhecimento do efeito do álcool, a partir da análise de mitos que lhe estão associados, em adolescentes da região centro de Portugal. **Materiais e métodos:** investigação-ação, 172 participantes (50.7% femininos), 14-18 anos ($M=15.35 \pm 1.02$), 9^o-11^o anos de escolaridade, entre os anos letivos de 2018-19 e 2021-22. Respeitaram-se os procedimentos éticos e legais exigíveis em investigação. A intervenção foi de 6-10 sessões quinzenais de 60 minutos (6 *online*, mais expositivas, em 2020-21, por razões da pandemia). Utilizou-se um questionário *ad hoc*, com 5 afirmações sobre mitos associados ao consumo de álcool, numa escala de Likert (1 Discordo Totalmente; 5 Concordo Totalmente). Procedeu-se a pré e pós teste. **Resultados:** os participantes melhoraram os resultados globais nos mitos sobre o consumo de álcool ($M=14.98 \pm 2.84$ vs. $M=14.14 \pm .4.15$ $p=.01$), destacando-se, ainda, como variáveis com influência nos resultados, o período pré ou pós pandemia ($p \leq .001$), a escola frequentada ($p \leq .001$) e a idade ($p \leq .001$). **Discussão e conclusões:** A intervenção contribuiu para melhorar o conhecimento dos participantes sobre os efeitos do álcool, o que poderá ter um impacto na redução do consumo (López-Ramírez et al., 2022), a explorar. Notou-se, ainda, uma regressão em pleno período pandémico (2020-21), cujo efeito se anulou em 2021-22. O efeito mais relevante verificou-se aos 14 anos. Em síntese, confirma-se a importância da intervenção, nos mitos sobre o consumo de álcool, o que, a permanecer em avaliações de *follow-up*, cruzadas com dados sobre o consumo,

poderá revelar a sua eficácia na intervenção precoce e prevenção. Intensificar a intervenção junto dos mais novos e a opção por 10 sessões presenciais, mais dinâmicas, assumem-se como estratégias relevantes. Não obstante, é necessário replicar o estudo, com mais participantes, e complementar os resultados de autorrelato com outros de carácter objetivo.

Palavras-chave: Competências Pessoais e Sociais, Mitos sobre o Consumo de Álcool, Adolescentes.

Referências

- Amini Pozveh, Z., & Saleh, Z. (2020). The Role of Social Skills in the Prevention of Drug Addiction in Adolescents. *Advanced Biomedical Research*, 9, 41. https://doi.org/10.4103/abr.abr_99_20
- López-Ramírez, E., Huber, M., & Inozemtseva, O. (2022). The Positive Effect of the Rational Addiction Prevention Program (RAPP) on Adolescents with High Risk for Drug Consumption. *Child Psychiatry & Human Development*, 53, 342–353. <https://doi.org/10.1007/s10578-021-01133-6>
- Okan, O., Rowlands, G., Sykes, S., & Wills, J. (2020). Shaping Alcohol Health Literacy: A Systematic Concept Analysis and Review. *Health literacy research and practice*, 4(1), e3–e20. <https://doi.org/10.3928/24748307-20191104-01>

NARRATIVAS SOBRE O CONCEITO DE CRIANÇA: PARADOXO DISCURSIVO E FORMAÇÃO

Cátia Pinho

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
esev9817@esev.ipv.pt

Esperança Ribeiro

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
esperancaribeiro@esev.ipv.pt

Sara Felizardo

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
sfelizardo@esev.ipv.pt

Resumo: A investigação sobre a infância tem vindo a sinalizar a importância e a utilidade de escutar a voz das crianças relativamente aos assuntos que lhe dizem respeito (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008), reconhecendo-lhe a oportunidade de serem intencionalmente assumido o direito a participarem ativamente na construção dos saberes do ponto de vista educativo (Ribeiro, 2016). Pelo contrário, a desvalorização da competência das crianças orienta-nos para uma visão centrada na sabedoria do adulto, associada a uma pedagogia transmissiva, a propósito da gestão dos processos de ensino-aprendizagem. Objetivos: identificar perspetivas sobre o conceito de criança na atualidade; compreender se a criança é percebida como competente; identificar evidências que esclareçam sobre a competência da criança pequena. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e exploratória, inserido num paradigma interpretativo. Entrevistaram-se dez educadoras de infância com idades compreendidas entre os trinta e sete e os sessenta e um anos de dois estabelecimentos da rede pública do norte do país. Constatou-se que as narrativas iniciais de caracterização da criança, em abstrato, não são coerentes com o papel que é atribuído às mesmas quando perspetivadas em contexto pedagógico. Num primeiro momento 60% das educadoras apresentou uma visão idílica e estereotipada sobre a infância contrariando, paradoxalmente, as habilidades que, posteriormente, reconhecem às crianças quando a narrativa é orientada para a prática educativa. Os resultados encontrados sugerem a pertinência de se antever, no âmbito da formação contínua, a valorização de estratégias de natureza dialógica, sobre a experiência profissional, que potenciem nas profissionais a (re)teorização das práticas facultando a valorização de um sentido de autoria.

Palavras-chave: Educação de Infância, Criança, Competência(s), Narrativa.

Referências

- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. (2008). Escutar as vozes das crianças como meio de (re) construção de conhecimento acerca da infância: Algumas implicações metodológicas. In J. Oliveira-Formosinho, *A escola vista pelas crianças* (p.11-29). Porto Editora.
- Ribeiro, E. (2016). *A identidade na criança e trajetórias da Pedagogia de Infância*. Edições Esgotadas.

BRINCAR NA ESCOLA: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS

Mariana Rei

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
santosrei99@gmail.com

Paulo Eira

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
peira@esev.ipv.pt

António Azevedo

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
toazevedo@esev.ipv.pt

Resumo: O recreio escolar representa um espaço favorável para um adequado desenvolvimento motor e social, como tal, é também neste espaço que as crianças aprendem a conhecer o valor da amizade, a respeitar as diferenças, a apreciar a lealdade e a conhecer o mundo à sua volta. Por outro lado, possibilita perceber a sociedade, a cultura e as vivências nas quais as crianças se encontram inseridas, promovendo, assim, as suas aprendizagens e conhecimentos de forma inclusiva (Neto, 2020; Silva, 2017; Wenetz & Stigger, 2006). Neste contexto, afigura-se como espaço fundamental para o desenvolvimento de todas estas capacidades, assim como para a promoção de hábitos de vida saudáveis (Eira & Azevedo, 2020). **Objetivos:** conhecer a opinião das crianças sobre as suas atividades de recreio; conhecer as atividades preferenciais das crianças nos tempos de recreio; aferir sobre a importância dos espaços e materiais para a atividade lúdica da criança; conhecer os projetos educativos das escolas, de modo a compreender a forma como o espaço de recreio é reconhecido e está organizado. **Método:** O estudo é de índole qualitativa, sustentada em entrevistas semiestruturadas de grupo, realizadas a 4 grupos de crianças, com idades compreendidas entre 6 e 10 anos. **Resultados:** O brincar realiza-se, na maioria das vezes, nos espaços de recreio, em detrimento do seio familiar; as interações desenvolvidas nas dinâmicas do recreio representam atividades sociais e de atividade física; o espaço exterior deve ser configurado para a promoção de desafios sociais e estimulador de dinâmicas de cooperação, assim como integrador e inclusivo. **Conclusões:** reconhece-se a importância do recreio associado ao tempo para brincar livremente, permitindo estilos de vida mais ativos e, conseqüentemente, mais saudáveis, concretizado a partir de dinâmicas sociais, atividades e relações interpessoais vivenciadas pelas próprias crianças, potenciando aprendizagens significativas; as crianças não têm muito espaço para brincar, uma vez que não podem explorar o espaço de recreio livremente para usufruir dos elementos naturais; as escolas privam as crianças de criar relações com outras crianças, pois as turmas não se podem misturar por falta de espaços mais amplos; as crianças precisam de mais tempo para brincar e jogar, de forma a partilhar valores e a respeitar regras.

Palavras-chave: Criança; Escola; Brincar; Recreio; Aprendizagem.

Referências

- Eira, P., & Azevedo, A. (2020). *O recreio: A organização de outros espaços para outras aprendizagens*. *Millenium*, 2(5), 47-56.
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças: A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.
- Silva, A. (2017). Brincar e aprender. Aprender a brincar. In T. Sarmento, F. Ferreira & R. Madeira (Orgs.), *Brincar e Aprender na Infância* (pp. 11-37). Porto Editora.
- Wenetz, I., & Stigger, M.P. (2006). A construção do Gênero no Espaço Escolar. *Movimento*, 12(1), 59-80.

O CONTRIBUTO DA GINÁSTICA NA FORMAÇÃO INFANTIL

Marisa Almeida

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
marisalmeida97@hotmail.com

Carla Vieira

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
cvieira@esev.ipv.pt

Paulo Eira

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
peira@esev.ipv.pt

António Azevedo

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
toazevedo@esev.ipv.pt

Resumo: Da complexificação dos movimentos corporais surgem as habilidades básicas que de forma reiterada estão patentes nas crianças e se manifestam em diferentes contextos (Costa, 2016). Nos períodos de recreio ou em contexto curricular, caminhar, correr, saltar, puxar, empurrar, equilibrar, rolar, pendurar, balançar e girar constituem a base da Ginástica, na sua vertente “Artística”. Estes movimentos, de grande simplicidade, que as crianças executam no seu quotidiano, quando realizados de forma sequenciada, planeada e orientada, reforçam os benefícios que a prática gímnica possui no seu desenvolvimento motor (Nascimento et al., 2022). A Ginástica entra na equação da formação e desenvolvimento das crianças, tanto nas dinâmicas das suas práticas, como nas várias propostas associadas à disciplina de Educação Física do 1.º CEB (Murbach et al., 2021). As atividades gímnicas revelam interesse, confiança e entusiasmo, repercutindo-se na sua performance, persistência, no bem-estar, na autoestima e sua capacidade de concentração. Objetivos: O presente estudo pretende aferir da importância das atividades gímnicas para o desenvolvimento motor e formação das crianças e se as escolas fomentam e criam espaços para o desenvolvimento dessas atividades. Métodos: O grupo de estudo foi constituído por 36 crianças com idades compreendidas entre os 8 e 10 anos, 18 dos quais praticantes de Ginástica e afetos a um clube desportivo da cidade de Viseu, com uma prática semanal mínima de 2 sessões de treino, perfazendo 4 horas de treino. Os restantes, não praticantes da modalidade, pertencem a um agrupamento de escolas do Concelho de Viseu. Recorreu-se ao teste de proficiência motora de BOT2 (2005) e, posteriormente, à análise descritiva e inferencial dos dados com recurso à versão 28 do software estatístico SPSS. Resultados: Evidenciam-se diferenças significativas entre grupos relativamente ao grau de precisão motora fina, integração motora fina e destreza manual. Conclusões: A Ginástica assiste o desenvolvimento transversal das crianças, estando associada a inúmeros benefícios, dos quais conferem exemplo os supracitados. A sua prática colabora com o processo de aquisição de habilidades motoras, contribuindo igualmente no desenvolvimento de capacidades condicionais e coordenativas, entre as quais se destacam a força, velocidade e equilíbrio dinâmico. As atividades gímnicas desenvolvidas na escola, através da EF, permitem a integração social das crianças, tornando-a um cidadão mais

ativo e consciente, proporcionando também autonomia corporal e aumento da capacidade de expressão em grupo.

Palavras-chave: Criança, Desenvolvimento motor, Formação desportiva, Ginástica.

Referências

- Bruininks R, & Bruininks B. (2005). *Bruininks–Oseretsky test of motor proficiency* (2.^a ed.). NCS Pearson.
- Costa, R. (2016). A ginástica na escola. Uma perspetiva pedagógica na Educação Física. *Educación Física y Deportes*, 20(214).
- Murbach, M., Lima, L., Ayoub, E., & Schiavon, L. (2021). Ginástica na escola: Uma discussão sobre os conhecimentos ginásticos e seus métodos de ensino. *Educación Física y Deportes*, 26(279), 49-63. <https://doi.org/10.46642/efd.v26i279.1982>
- Nascimento, J., Lima, C., Corrêa, L., Santos J., & Verde, E. (2022). A percepção de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública sobre a ginástica para todos (GPT). *Research, Society and Development*, (11) 9. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31687>

PAPEL DAS INTERAÇÕES COMUNICATIVAS NA ATIVIDADE MATEMÁTICA DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

Ana Rita Cunha

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal
esev11888@esev.ipv.pt

Luís Menezes

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
menezes@esev.ipv.pt

Anabela Novais

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
anovais@esev.ipv.pt

Resumo: Nesta comunicação apresentamos um estudo que tem como objetivos: (i) compreender como ocorrem as interações comunicativas entre pares (crianças) e entre estas e o adulto numa sala de um jardim de infância (JI); e (ii) compreender o impacto dessas interações, em articulação com o espaço e os materiais disponíveis, na aprendizagem de ideias matemáticas no âmbito da Geometria. Para tal, foi desenhada uma experiência educativa, desenvolvida ao longo de três dias consecutivos, com um grupo de 20 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, de um Jardim de Infância do concelho de Viseu. Esta experiência colocou as crianças perante situações que as surpreenderam e desafiaram a interagir (entre pares e com o adulto). Neste sentido, as propostas apresentadas às crianças ocorreram numa sala que, embora conhecida delas, estava organizada de modo diferente do habitual e da função que lhe era dada no JI. Os objetos do espaço, tais como caixas gigantes e fita adesiva colorida, foram mudando ao longo dos três dias, com a intenção de levar as crianças a pensar, manipular e verbalizar ideias matemáticas. A investigação, de cunho qualitativo, recorreu à observação participante, à gravação em áudio e em vídeo, à recolha documental (fotografia e produções das crianças) e às notas de campo. Para analisar as interações, foram definidos três temas (T) e respetivas categorias: T1: Interação entre pares (Questiona, Explica, Responde); T2: Interação adulto-criança (Questiona, Explica, Responde); T3: Interação materiais e espaço (Manipulação e exploração, Expressão de emoções, Representações). Estes temas e categorias de análise inspiraram-se na literatura emergente (Alrø & Skovsmose, 2006; Guerreiro et al., 2015; Menezes et al., 2014) e no confronto com os dados recolhidos. Os resultados mostram que as crianças interagem entre si, para expressar as suas ideias matemáticas sobre orientação espacial, formas geométricas e vistas, recorrendo essencialmente ao ato de responder, ou seja, elas integram-se no discurso reagindo a falas de outras crianças, fundamentalmente para informar, para clarificar e para mostrar acordo ou desacordo com outros. Em muito menor número, as crianças também colocam questões. Na interação com o adulto, as crianças tendem a responder (informando e explicando). A interação em sentido contrário, adulto/criança, tende a ser muito suportada por perguntas, mas também pelo ato de responder, informando ou pedindo esclarecimentos de ideias e raciocínios. A

organização do espaço e materiais, articulados com as propostas colocadas às crianças foi crucial para as atividades desenvolvidas, em particular nas interações verbais que foram ocorrendo, contribuindo para a realização de aprendizagens matemáticas.

Palavras-chave: Matemática, Geometria, Interações, Educação Pré-Escolar, Aprendizagem.

.

Referências

- Alrø, H., & Skovsmose, O. (2006). *Diálogo e aprendizagem em educação matemática*. Autêntica.
- Guerreiro, A., Tomás Ferreira, R., Menezes, L., & Martinho, M. H. (2015). Comunicação na sala de aula: A perspectiva do ensino exploratório da matemática. *Zetetiké: Revista de Educação Matemática*, 23(4), 279-295.
- Menezes, L., Tomás Ferreira, R., Martinho, M. H., & Guerreiro, A. (2014). Comunicação nas práticas letivas dos professores de Matemática. In J. P. Ponte (Ed.), *Práticas Profissionais dos Professores de Matemática* (pp. 135-161). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA

Débora Suzana Berlitz Fraga
Universidade do Vale dos Sinos/CNPq, Brasil
deboraberlitzfraga@gmail.com

Paulo Sergio Fochi
Universidade do Vale dos Sinos/CNPq, Brasil
pfochi@unisinos.br

Resumo: Este artigo é resultado de uma revisão integrativa de literatura a respeito da Documentação Pedagógica no Brasil, a partir de artigos indexados nas bases de dados ResearchGate, Mendeley, Scielo e ANPED, entre os anos de 2010 e 2021. O objetivo deste estudo foi catalogar e sistematizar pesquisas já realizadas acerca do conceito de Documentação Pedagógica, na educação infantil, com o intuito de compreender de que modo este termo e conceito vem sendo tratado. A amostra foi constituída por 29 artigos que elucidaram aspetos importantes em torno da abordagem da Documentação Pedagógica, destacando-se a necessidade de fortalecimento e investimentos na formação inicial e continuada do professor, e de articulação nos processos pedagógicos das instituições, que possibilitem a compreensão sobre a importância de ressignificar práticas e conseqüentemente romper modelos pedagógicos ultrapassados. Os estudos evidenciaram, também, a necessidade de maior aprofundamento em torno dos referenciais que sustentam a Documentação Pedagógica, de modo que as incompreensões, a respeito do tema e do conceito, sejam minimizadas.

Palavras-chave: Documentação Pedagógica; educação infantil; revisão integrativa.

ESTUDOS DE CASO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCURSOS METODOLÓGICOS DE DUAS PESQUISAS BRASILEIRAS

Débora Suzana Berlitz Fraga
Universidade do Vale dos Sinos/CNPq, Brasil
deboraberlitzfraga@gmail.com

Leisiane Heming
Universidade do Vale dos Sinos/CNPq, Brasil
leisiane.heming@edu.ivoti.rs.gov.br

Paulo Sergio Fochi
Universidade do Vale dos Sinos/CNPq, Brasil
pfochi@unisinobrasil.br

Resumo: Alguns autores já teorizaram a respeito do relevo que estudos de casos tem para o desenvolvimento das disciplinas científicas (Kuhn, 1997; Stake, 2007; Yin, 2002). No entanto, no campo da Educação Infantil, ainda são escassos os exemplos de estudos de casos que narrem a ação profissional contextualizada e que sejam densamente documentados. Neste artigo, primeiramente é apresentada uma breve revisão integrativa sobre estudos de caso publicados em território brasileiro na última década. Em seguida, é discutido o percurso metodológico de dois estudos de caso que estão em desenvolvimento: um com foco em compreender o papel da coordenação pedagógica no cotidiano pedagógico e o outro que discute a relação entre a natureza da aprendizagem da criança e o modo como o professor apoia e promove as aprendizagens. Estes estudos fazem parte de uma pesquisa maior que tem por objetivo o mapeamento de *drivers* de inovação de escolas públicas da região metropolitana de Porto Alegre – Rio Grande do Sul (Fochi, 2022). Tais escolas fazem parte de uma comunidade de apoio ao desenvolvimento profissional, o Observatório da Cultura Infantil – OBECI, que desde 2013 tem apoiado e promovido processos de transformação do cotidiano pedagógico de escolas públicas e privadas (Fochi, 2019). A respeito dos *drivers* de inovação, Michel Fullan (2021, p.5) os entende como uma “força que atrai energia e gera movimentos de forma contínua”. Para o autor, os drivers certos podem orientar a formulação de políticas públicas em níveis territoriais diversos, desde um país até uma unidade educacional em si (Fullan, 2021). Assim, entende-se que a emergência de estruturação de certos impulsores para o desenvolvimento integrado e sistêmico da transformação do contexto educativo é uma condição para quem trabalha com educação a partir dos impactos que o campo já está sofrendo com a COVID-19. Para o autor, “o objetivo dos *drivers* corretos é dar forma ao futuro aproveitando o melhor de nós mesmos, que evolutivamente, se inclina à melhora social e cultural” (Fullan, 2021, p. 37).

Palavras-chave: Estudo de Caso, Educação Infantil, Drivers de inovação, Coordenação Pedagógica, Aprendizagem

Referências Bibliográficas

- Fochi, P. S. (2019). A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil-OBECI. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fochi, P. S. (2022). *Formação em contexto na Educação Infantil: a busca pela construção de drivers de inovação*. Projeto de pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo.
- Fullan, M. (2021). *The right drivers for whole system success*. Centre for Strategic Education.
- Kuhn, T. S. (1997). A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Stake, R.E. (2007). *A arte de investigação com estudos de caso*. Gulbenkian.
- Yin, R. K. (2002). *Estudo de caso. Planejamento e métodos*. Artmed.

ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR EM PORTUGAL: PERSPETIVAS SOBRE DIFICULDADES EXPERIENCIADAS E IMPLICAÇÕES FUTURAS

Maria Pacheco Figueiredo

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
mfigueiredo@esev.ipv.pt

Helena Gomes

Politécnico de Viseu, CI&DEI, Escola Superior de Educação, Portugal
hgomes@esev.ipv.pt

Catarina Liane Araújo

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
claraujo@esev.ipv.pt

Susana Amante

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Tecnologia e Gestão e CI&DEI, Portugal
susanamante@estgv.ipv.pt

Valter Alves

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Tecnologia e Gestão e CI&DEI, Portugal
valter@estgv.ipv.pt

Ana Catarina Sousa

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Portugal
catarinasousa@estgv.ipv.pt

Cristina Azevedo Gomes

Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Portugal
mcagomes@esev.ipv.pt

Resumo: O objetivo do projeto EARLY – Modelo de Educação a Distância com Recurso à Robótica para Crianças entre 3 e 7 anos, financiado pelo programa Erasmus+, é responder a questões de capacitação das escolas e famílias sobre a utilização das tecnologias digitais para desenvolver uma metodologia de educação online. Procura aprender com a experiência desenvolvida durante a pandemia COVID-19 em que, nos períodos de confinamento, escolas e jardins de infância funcionaram em modalidade de ensino remoto de emergência. A especificidade desta modalidade de trabalho pedagógico ao nível da educação pré-escolar é assumidamente complexa e requer vários contributos. Da experiência em Portugal, os estudos realizados têm vindo a realçar um reconhecido propósito pedagógico, mas também que se identificam concretizações distintas a nível nacional, especialmente no que respeita ao contacto entre educadores/as de infância e crianças e famílias (Alves et al., 2022; European Commission, 2021; Mesquita et al., 2020). No âmbito do projeto, foi realizado um estudo de pequena escala sobre perspetivas de vários atores da área de Educação de Infância, acerca da vivência do período de ensino remoto de emergência em Portugal. Para o efeito, foi construído um questionário pelos parceiros que foi distribuído e respondido em Portugal, na Turquia, na Letónia, na Irlanda, na Alemanha e em Itália. O questionário inclui blocos sobre a experiência de ensino remoto de emergência que abrangem: atividades síncronas e assíncronas, plataformas e recursos mobilizados, dificuldades experienciadas, e relevância da experiência para respostas futuras dos sistemas educativos. Em Portugal, obtiveram-se 57 respostas de entre parceiros identificados

para o projeto, incluindo-se direções de instituições (3), educadores/as de infância (22), assistentes operacionais (2), pais/familiares de crianças (24), e estudantes de formação inicial (6). Os resultados revelam que as dificuldades mais sentidas se referem à ausência ou escassez de tempo e recursos, juntamente com limitações de conhecimento e segurança sentidas pelos intervenientes (educadores/as e pais). Nos casos em que houve contacto, a apreciação sobre as atividades propostas e desenvolvidas é muito positiva. Analisam-se implicações destes resultados para o desenho de formação para educadores/as de infância para a utilização de metodologias online com as crianças em situações que o exijam.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar, Ensino remoto de emergência, Formação de professores, Famílias, Educação *online*.

Referências

- Alves, M., Figueiredo, M. P., & Matos, I. A. (2022). *Perspetivas sobre literatura para a infância na educação pré-escolar à distância*. Sentidos – Congresso Internacional sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias, Viseu.
- European Commission. (2021). *Early childhood education and care and the COVID-19 crisis. Understanding and managing the impact of the crisis on the sector*. Publications Office of the European Union.
- Mesquita, C., Lopes, R. P., Loureiro, A. C., & Ribeiro, C. (2020). Pedagogical challenges in times of SARS-COV-2 in Early Childhood Education. In L. G. Chova, D. L. Martínez, & I. C. Torres (Eds.), *ICERI 2020: Conference proceedings* (pp. 7358–7368). IATED.

